



ESCRITAS GESTADAS NO CORPO E NA VOZ: PERFORMANCES E DICÇÕES POSSÍVEIS NAS NARRATIVAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

CASSIANO; Bruna Louize Miranda Bezerra ¹, DIAS; Bruna Martins Nóbrega Araújo ²

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a forma como as obras “Diário de Bitita” (1982), de Carolina Maria de Jesus, e “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2005), de Conceição Evaristo, apresentam-se como lugar de inscrição de saberes contra-hegemônicos. Há diversas formas de saber, de inscrever e de grafar conhecimentos que não se restringem à modalidade escrita, como indica a literatura de autoria negra, que é recorrentemente atravessada pelos ecos das travessias e migrações provocadas pelo sistema escravista no Brasil, cenário em que sujeitos negros precisavam registrar as próprias memórias na voz e no corpo, relacionando tradições e recordações orais africanas “com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos com que se confrontaram” (MARTINS, 1997, p. 26). A memória de tal estratégia de manutenção da memória perdura e reverbera nas narrativas de ambas as autoras citadas, que aprenderam com seus antepassados o valor e a urgência da palavra para além do signo escrito: ao passo que a mãe de Conceição Evaristo evocava o sol para secar as roupas das patroas, o avô de Carolina Maria de Jesus clamava pela chuva para irrigar a terra e trazer bonanças à família. Logo, com base nas considerações de Leda Maria Martins (2021), Nego Bispo (2023), Hampâté Bâ (2010), Sandra Petit (2019), Beatriz Nascimento (1989) e outros autores, este trabalho entrecruzar as narrativas de Conceição e Carolina, reconhecendo os pontos de contato entre essas duas autoras nascidas e criadas nas águas de Minas Gerais em tempos distintos, mas não dissonantes. Com isso, espera-se trazer à tona discussões sobre as diferentes cenas do fazer literário, ressaltando o poder que escritoras negras investem ao agir sobre o mundo por meio da palavra, seja ela gestada no corpo ou na voz.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Negra, Escrivivência, Oralidade, Memória

¹ Universidade Federal da Paraíba, bruna.lmbcassiano@gmail.com

² Universidade Federal da Paraíba, bmnadias@gmail.com